

TRÁFICO DE DROGAS E EDUCAÇÃO: O PAPEL DA ESCOLA

Alice Damasceno Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Steffanny Maia Ferro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

RESUMO

A presente pesquisa possui o objetivo de analisar as ações educativas desenvolvidas por uma escola de ensino fundamental acerca da conscientização sobre o tráfico de drogas presente em seu entorno social, localizada no bairro Pirambú. Além de discutir com os professores de que forma isto afeta a vida dos alunos e, ainda, avaliar por meio da visão dos gestores e docentes, como o tráfico atinge o convívio dos alunos e o funcionamento da instituição. Isto se mostra em sua lacuna de importância, pois têm-se o conhecimento de que o bairro referido, infelizmente, vive essa realidade, da violência, das drogas, do tráfico, e pretende-se com essa investigação iniciar diálogo sobre como essa realidade afeta os alunos e de que forma o assunto é tratado dentro da escola. Como processo metodológico, utilizou-se de entrevista semiestruturada e observação participante no âmbito da pesquisa, tendo em vista que uma das pesquisadoras faz parte da comunidade investigada (FLICK, 2009; GODOY, 1995). Os dados foram obtidos por meio de entrevistas realizadas com 4 professores e 1 coordenadora da escola pesquisada. Ao fim da entrevista com os alunos, docente e corpo gestor, concluiu-se que há forte e inevitável influência exercida pela violência na vida das crianças do Pirambú e nos deparamos com o despreparo dos educadores e da escola. É preciso também que estas escolas recebam um olhar mais atento dos órgãos competentes e sejam devidamente equipadas com os recursos necessários para o combate a este grave problema.

Palavras-chave: Educação. Escola. Drogas.

INTRODUÇÃO

A lógica da criminalidade se faz presente em todos os espaços sociais, principalmente, nos espaços periféricos das grandes capitais urbanas. Nas comunidades de periferia é que acabam por eclodir as principais mazelas sociais, além de poder ser visualizado nesses espaços onde reinam a pobreza e a desigualdade, a noção concreta do descaso social praticado pelo Estado (BRANDÃO, 1985).

Não é incomum abrir noticiários televisivos onde se leem manchetes que elucidam sobre as práticas delituosas ocorridas naqueles espaços. Espaços de vida e de morte fazem parte do cotidiano dos moradores do bairro Pirambú, território localizado na região leste do município de Fortaleza, estado do Ceará. O bairro do Pirambú sofre estigmas sociais desde a sua constituição, por se tratar de um espaço localizado em área litorânea, onde habitam sujeitos historicamente inseridos à margem da sociedade do qual os mesmos fazem parte. O bairro do Pirambú historicamente é caracterizado como um bairro de lutas constantes, pois a

sua concentração populacional está localizada na faixa litorânea da cidade, território onde se concentram as famílias, que, em sua maioria, possuem uma condição precária, muitas ainda passam por situação de fome.

O Pirambú teria surgido ainda no século XIX, na década de 1930, quando o fluxo migratório do interior do Estado para a capital era intenso por conta da seca. Outro motivo que levou a população a esta localidade foi o avanço do mar na Praia de Iracema, levando às famílias a buscarem um novo lugar para recomeçarem a vida.

O crescimento desordenado começou a deixar marcas na comunidade, pois já podiam se observar as precárias condições de moradias, de infraestrutura, de saneamento básico e os índices de violência, que até hoje fazem parte da realidade do Pirambú. Estudos do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) apontam que, ainda hoje, o Pirambú está entre os dez bairros de Fortaleza que apresentam as piores condições de infraestrutura (abastecimento de água, esgotamento sanitário, coleta de lixo e acesso à energia elétrica), de acordo com o Índice de Condições Domiciliares (ICD) (LIMA, 2015).

Segundo o Mapa da Criminalidade e da Violência em Fortaleza – Perfil da SER I, realizado pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) em 2011, no que diz respeito às mortes violentas, por três anos seguidos, o Pirambú esteve em segundo lugar em números absolutos:

O Pirambú segue em segundo lugar em números absolutos, quando registra 24 casos em 2009, números semelhantes aos de 2008 (26 mortes) e 2007 (25 mortes). Não houve mudança significativa na série histórica, o que nos faz pensar e questionar o comportamento das ocorrências nos bairros, que ora diminuem, ora avançam, ora, ainda, permanecem estáveis e a eficácia de ações ou políticas públicas que têm alterado ou não a realidade da segurança pública e a expectativa do florescimento de uma cultura de paz nos bairros de Fortaleza. (UECE, 2011, p. 10)

É nesse contexto que o tráfico de drogas ganha lugar e atua em sua pior faceta, recrutando jovens e até crianças a participar de um universo que concentra as mais diversas formas de violência, sejam como atuantes diretos do tráfico, como consumidores do “produto”, ou como meros reféns do medo e da insegurança. Esta é a realidade a que todos estão expostos, sem qualquer tipo de censura. Um ciclo social nocivo onde todos os sujeitos acabam por se tornar vítimas.

Muitos desses sujeitos são crianças, que acabam por presenciar as práticas violentas geradas pela lógica nociva do tráfico de drogas, reproduzindo essas experiências em outros espaços, como o ambiente escolar. Dessa forma, refletem esse retrato social em seus diversos

comportamentos violentos, comprovando a forte influência que a violência abundante do meio social exerce sobre sua formação humana, com isso, transformando um ambiente pleno de aprendizagem em espaço de conflitos e extensão do caos social local, como pode ser o espaço formal da instituição escolar.

Ao observar a realidade acima descrita, reflete-se sobre a ação social da escola quanto a necessidade de minimizar as consequências geradas pela forte presença do tráfico no cotidiano das crianças que convivem entre constantes confrontos de gangues, homicídios e as mais diversas formas de violência e, como os profissionais educadores que atuam nessas escolas buscam evitar o envolvimento dessas crianças com o tráfico. Também levando em consideração o que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em seu 26º artigo, parágrafo 9º sobre a inclusão de “conteúdos relativos a direitos humanos e à prevenção de todas as formas de violência contra a criança e o adolescente” (BRASIL, 1996) como temas transversais nos currículos da educação básica, escolhemos realizar a pesquisa para analisar de que forma o tema “drogas e violência” sendo tão presente na realidade aqui descrita, tem sido trabalhada no currículo do Ensino Fundamental I.

De forma mais detalhada, na presente investigação, foram abordados os seguintes pontos: a) Na visão dos gestores e professores, como o tráfico de drogas presente na realidade do bairro Pirambú, afeta no comportamento dos alunos do Ensino Fundamental I; b) Como os docentes de uma escola municipal, no bairro Pirambú, lidam com os reflexos da violência do tráfico de drogas presente no bairro; c) Quais medidas educativas são realizadas pela escola acerca da conscientização contra o uso e tráfico de drogas d) De que forma o tema é trabalhado no currículo do Ensino Fundamental I. Os sujeitos da pesquisa são os alunos com possuem do Ensino Fundamental I, como também seus respectivos professores.

PROCESSO METODOLÓGICO

O cerne de nossa metodologia se deu no sentido de avaliar ações educativas de conscientização realizadas pela escola para com os alunos, bem como a visão dos professores e gestores sobre o impacto do tráfico dentro da escola. Para o acesso à escola, não foi necessário a utilização de ofício para seu acesso prévio, pois uma das pesquisadoras desta investigação é moradora do bairro pesquisado, facilitando o acesso à instituição de ensino (GODOY, 1995).

A realização da pesquisa aconteceu durante os meses de agosto de 2015 a janeiro de 2016, nos turnos manhã e tarde, afim de obtermos um maior conhecimento sobre o assunto bem como conseguirmos o maior número de informações possíveis. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas realizadas com 4 professores e 1 coordenadora da escola pesquisada. Buscamos com isto alcançar respostas para nossos questionamentos: 1)Quais ações educativas são realizadas por uma escola de ensino fundamental no bairro Pirambú com a finalidade de conscientizar os alunos sobre o tráfico e uso de drogas; 2) De que maneira, na prática docente, os professores dessa escola percebem a presença das ações do tráfico de drogas no comportamento dos alunos e como isso é trabalhado?; 3) Como a realidade da comunidade onde está inserida a escola, interfere nas práticas docentes e no funcionamento da escola?.

A técnica que utilizamos na nossa pesquisa foram apenas as entrevistas semiestruturadas. Estas foram realizadas durante o mês de dezembro de 2015, com o número de 4 (quatro) professoras e 1 (uma) coordenadora da escola. No decorrer das entrevistas, foram realizadas perguntas levantadas anteriormente por nossa equipe de pesquisadores (FLICK, 2009).

ANÁLISE: A FALA DOS SUJEITOS

A escola é um espaço de socialização e aprendizado, entretanto ela tem incorporado cada vez mais as temáticas da sociedade e seu papel tem se modificado em vista disso. Conforme a sociedade muda, a escola tenta inserir no ambiente escolar essas mudanças e procura minimizar os efeitos nocivos dos males atuais como as drogas e a violência.

“Paralelamente à crise interna, a escola reflete a sociedade, os fenômenos exteriores a ela, mas que interferem diretamente em seu cotidiano, tais como a exclusão social, o desemprego, a violência, entre outros” (ABRAMOVAY; CASTRO, 2002, p. 327). Os alunos chegam à escola com todo esse aparato social: a sua família, situação financeira, suas dificuldades em geral e sua realidade não podem ser ignoradas no ambiente escolar, principalmente quando o seu contexto de vivência é tão perpassado pelas drogas.

Deve-se ressaltar também que a constatação da existência de drogas no ambiente escolar não deve ser utilizada para estigmatizar um estabelecimento escolar ou os alunos. Esse tratamento implicaria pensar a eliminação do problema por meio de uma visão negativa da escola, o que significa utilizar a marginalização, a transferência e a expulsão de alunos como alternativas para solucioná-lo (ABRAMOVAY; CASTRO, 2005, p. 90-91).

A solução não é condenar a escola ou os alunos, pelo contrário, deve-se enxergar o espaço escolar como uma oportunidade para a mudança dessa realidade dos estudantes:

A droga é definida, em um sentido amplo, como qualquer substância capaz de exercer um efeito sobre o organismo. As drogas chamadas psicotrópicas ou psicoativas — palavra originária do grego que pode ser traduzida como aquilo que age sobre a mente — alteram os sentidos, induzem à calma ou à excitação, potencializam alegrias, tristezas e fantasias. (ABRAMOVAY; CASTRO, 2005, p. 63)

A presente pesquisa analisa os reflexos da violência causada pelo tráfico de drogas no comportamento dos alunos do Ensino Fundamental I e na prática dos docentes de uma escola no bairro Pirambú. Foram ainda analisadas as ações desenvolvidas pela escola no intuito de combater o envolvimento dessas crianças com as drogas e o crime. Para isso, perguntamos às professoras do ensino fundamental da escola: a) Se de alguma maneira percebem a violência do bairro refletir no comportamento dos seus alunos; b) Se buscam incluir em suas aulas o assunto “tráfico de drogas”, caso negativo, o por quê disso?; c) Se receberam alguma formação ou orientação sobre como tratar do assunto “drogas”; d) O que poderia ser feito para minimizar o impacto que a presente violência causa na vida dos alunos? Também entrevistamos uma coordenadora pedagógica, onde, além das perguntas já citadas, perguntamos se há ou já houve na escola alguma ação desenvolvida no sentido do combate ao uso e envolvimento com o tráfico de drogas.

As entrevistadas apresentaram respostas convergentes para todas as perguntas. Sobre o comportamento dos alunos, todas relataram situações em que as crianças reproduzem em suas falas e brincadeiras cenas de violência que presenciam diariamente. Uma delas fala que “as brincadeiras entre as crianças são de violência, né? É de bandido, não é mais de polícia e ladrão, é de ladrão e ladrão, é uma turma contra outra, antes brincava de polícia e ladrão, né? Agora ninguém quer ser a polícia, quer ser o ladrão”. Outra professora diz ainda que:

É frequente isso, por exemplo, aqui quando, quando matam alguma pessoa de gangue aqui na comunidade, aí vem no dia seguinte quando eles vêm é o comentário, aí eles comentam, eles falam, depois eles querem imitar como foi, eles veem né... vivenciam isso diariamente. Eles sabem como é que se usa droga, eles mostram, as vezes na brincadeira, mostram, que cheiram, cheiram pó, como é que ascende o cigarro (Roteiro de Entrevistas Alice Lima).

Além das brincadeiras, as professoras também relataram a agressividade nas falas dos alunos e a rejeição ante ações afetivas:

Deve-se ressaltar também que a constatação da existência de drogas no ambiente escolar não deve ser utilizada para estigmatizar um estabelecimento escolar ou os alunos. Esse tratamento implicaria pensar a eliminação do problema por meio de uma visão negativa da escola, o que significa utilizar a marginalização, a transferência e a expulsão de alunos como alternativas para solucioná-lo (ABRAMOVAY; CASTRO, 2005, p.90-91).

Elas informaram que a origem desse comportamento se dá dentro da própria casa dos alunos, pois a grande maioria dos pais têm envolvimento com drogas ou com o tráfico e rejeitam os filhos, que passam a viver nas ruas e na casa de parentes ou conhecidos, como no relato da professora a seguir:

Tem o caso de uma outra criança, uma aluna do segundo ano, ela tem doze anos, era para já estar no quinto, a mãe dela usa drogas, usa crack e disse aqui dentro da escola que não vai deixar de usar crack para cuidar da filha. Abandonou a casa, abandonou a filha, o pai da criança ninguém sabe quem é (...) jogou a criança pra casa de um tio, onde estava sofrendo maus tratos pela mulher do tio, que estava fazendo ela de empregada e batendo, aí a menina preferiu viver na rua... fazendo malabares, indo lá pro Náutico a noite pedir esmolas e fazer malabarismo no sinal (Roteiro de Entrevistas Alice Lima).

Como a criança citada no relato, o comportamento descrito pelas professoras interfere diretamente na prática pedagógica das mesmas, uma vez que, os alunos sendo agressivos, arredios e acostumados com a omissão dos pais, não dão ouvidos as professoras, nem as respeitam. Isso dificulta a prática docente e transforma a aula num verdadeiro desafio a ser cumprido, como uma das professoras afirma no trecho:

Toda vez que eu entro na sala de aula eu saio deprimida, quando eu saio da sala de aula do segundo ano daqui. Porquê?! Porque eles brigam constantemente, e eles só brigam de apertar o pescoço, de pisar na cabeça... né?! E a gente conversa... você vai fazer uma contação de história, você não consegue chegar no fim. É por isso que eu adoeci. Eu peguei dois nódulos, um cisto na corda vocal, é porque eu falo constantemente (Roteiro de Entrevistas Alice Lima).

Diante disso, perguntamos as professoras se, de alguma maneira, tentam diminuir a violência entre os alunos ou incluir em suas aulas temas como drogas, tráfico, violência. Uma professora respondeu que tentam incluir o assunto dependendo da temática trabalhada na aula, por exemplo:

Se eu trabalho uma aula de ciências com eles, né? Uma coisa que fale sobre o corpo humano, de repente estou falando sobre o pulmão, aí eu já entro, falo sobre cigarros, aí eu falo sobre bebidas e aí eu vô entrando em outras drogas, e assim, no momento que eu vejo que dá para eu inserir isso aí na sala de aula eu faço assim sempre, sempre que possível (Roteiro de Entrevistas Alice Lima).

Outra respondeu que tenta trabalhar isso durante conversas informais com os alunos, aconselhando e alertando quanto ao uso de drogas e as consequências do envolvimento com o crime:

Todo dia é uma informação, é uma conversa informal. Aí a gente conversa com eles que eles não podem se deixar levar pela droga, aí eles ficam conversando [...] isso é constante nas conversas da gente. Aí eu falo que a droga o povo diz que é muito gostosa - porque eu nunca me droguei, né - mas que na realidade depois de dois, três dias tem as consequências disso, aí eu converso, tenho toda aquela conversa informal. Digo que depois eles vão ficar dependentes, que vão começar a roubar... tudo isso (Roteiro de Entrevistas Alice Lima).

Duas professoras afirmaram que tentam conversar com os alunos sobre o assunto, porém, ficam inseguras por conta da “lei do silêncio” que predomina na comunidade, como fica explícito na fala

“a maioria é filho de traficante ou dependente químico, e até fica um pouco difícil você chegar junto, assim explicar, mas a escola sempre tem, a gente sempre coloca a questão da paz, das drogas, é uma droga que prejudica a vida, a saúde, e as pessoas que se envolvem com isso vivem menos...” (Roteiro de Entrevistas Alice Lima).

A outra professora tenta envolver o assunto em suas aulas, mas expõe a insegurança, comparando a situação com “mexer com marimbondos”, pois os próprios pais dos alunos são traficantes e moram nos arredores da escola, então “até os moradores fazem boca de siri, boca fechada... aí os professores fazem o mesmo”. (Roteiro de Entrevistas Alice Lima).

Além da barreira imposta pelo medo, as professoras não têm propriedade para desenvolver o assunto pedagogicamente, pois, quando perguntadas se receberam entre suas formações alguma orientação ou capacitação sobre o tema drogas, as cinco entrevistadas responderam que não, e, apenas duas relataram que, por conta própria, buscaram estudar o tema.

Em relação as ações desenvolvidas pela escola como projetos, campanhas no intuito de conscientizar sobre o uso e o tráfico de drogas, a coordenadora afirma que já houveram projetos na escola, mas nenhum que trabalhasse diretamente essa temática. Entre as respostas, foram citadas ações desenvolvidas pelo Instituto Natura, que foram aplicadas na escola, entre elas, um projeto que trabalha os sonhos das crianças, que é, segundo a coordenadora:

Para que eles voltem a ter a percepção de sonhar, serem cidadãos, que eles podem mudar o futuro deles... não é porque meu pai é traficante que sou obrigado a ser traficante também, ser usuário de drogas, aviãozinho. Que eu vou ser catador de lixo. Não, eu posso ser um professor sim, posso ser um médico, posso ser um advogado, basta eu querer mudar minha realidade (Roteiro de Entrevistas Alice Lima).

Outra ação, dessa vez desenvolvida pela escola, foi o “dia da limpeza”, onde todos os alunos se empenhavam em cuidar e preservar os diversos espaços da escola, exercitando a cidadania e os valores. Outras entrevistadas mencionaram a questão dos valores em suas respostas, e, quando perguntadas sobre quais seriam esses valores, as respostas foram afetividade e respeito. A coordenadora ainda acrescentou que o próximo ano letivo se iniciaria com um novo projeto que reforça a paz e a não violência na escola e também pretende retomar a temática dos sonhos, já trabalhada na ação do Instituto Natura. Segundo a mesma:

O projeto de paz é para que eles diminuam esse reflexo, que eles voltem a sonhar. Porque as crianças aqui até o primeiro ano sonham, elas sonham com a vida melhor, um futuro melhor, querem ser médicos, advogado, professor... mas tem algumas crianças já do terceiro, quarto e quinto... teve um do quarto ano que me disse que quer ser traficante (Roteiro de Entrevistas Alice Lima).

Questionamos o motivo de não haver projetos diretamente ligados ao combate às drogas numa escola situada em uma área marcada pela forte presença do tráfico. A coordenadora nos informou de que há bons projetos desenvolvidos pela prefeitura, porém, são destinados às escolas de ensino fundamental II, pois os adolescentes estão mais propensos a se envolver com as drogas e ingressar na criminalidade. Contudo, sabemos que as crianças moradoras de áreas como o Pirambú, estão igualmente expostas e vulneráveis às drogas, e que, enquanto a prefeitura espera a “idade certa” para abordar o tema, muitos já se deixaram levar pela forte influência que o meio em que estão inseridas exerce sobre elas.

Por último, acrescentamos às nossas questões o que cada professora acreditava que poderia ser feito pela escola para minimizar o impacto da violência presente no cotidiano das crianças e a resposta foi unânime. Todas as professoras destacaram a importância de estabelecer uma parceria com a família, alegando que, o papel de educar não é somente da escola, mas é primeiramente um dever dos pais. Segundo elas, não adianta a escola ensinar uma coisa que vai ser desconstruída quando o aluno chegar em casa e se ver cercado de exemplos negativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jovens têm uma boa visão sobre a escola, e nela veem um meio de serem inseridos na sociedade em que vivem e que por meio delas podem obter melhores condições de vida, porque “a escola apresenta-se aos jovens como um instrumento para o exercício da cidadania, na medida em que funciona como um dos “passaportes de entrada e aceitação na sociedade” e como oportunidade de uma possível vida melhor” (FREIRE, 1983).

De fato, sabemos que esse é um papel da escola: formar cidadãos aptos a viver em sociedade, capacitá-los para o mercado de trabalho, mas também para a vida. Esta se afirma então, como elemento fundamental para que o aluno aprenda a exercer um bom papel na sociedade em geral e no seu próprio entorno: comunidade, família e trabalho. Portanto quanto mais o indivíduo se envolve e se insere na educação, a transformação gradualmente vai acontecendo através dele e se propagando para a sua conjuntura social.

A solução não é condenar a escola ou os alunos, pelo contrário, deve-se enxergar o espaço escolar como uma oportunidade para a mudança dessa realidade dos estudantes. O aprendizado propõe uma evolução não só cognitiva, mas social, pois o aluno que tem uma boa formação ocupa seu tempo com algo produtivo, aprender significa contribuir consigo e com o mundo.

Nesta investigação, comprovamos a forte e inevitável influência exercida pela violência na vida das crianças do Pirambú e nos deparamos com o despreparo dos educadores e da escola. Espera-se que esta seja um espaço favorável ao desenvolvimento integral da criança e possibilite a aquisição de aprendizagens que vão além da educação formal, já que também é um ambiente de socialização e interações. No entanto, o que fazer quando, além de estar inserida em um contexto onde predominam as mais diversas mazelas sociais, a escola vive a mercê dos recursos do município que, são insuficientes até para ensinar o básico?

A sociedade responsabiliza a escola pela educação das crianças. Esta, porém, se encontra sucateada e pobre de recursos, para onde os professores são enviados, sem receber formação específica para trabalhar o problema das drogas, que predomina na comunidade onde está inserida a escola. A escola visualiza a solução em uma parceria com as famílias, que, em sua maioria, são pobres, desestruturadas e totalmente impróprias para desenvolvimento saudável da criança.

No entanto, uma ação efetiva da escola com a família só poderia ser feita com uma grande equipe de mediadores, incluindo professores, assistentes sociais e psicólogos,

promovendo um acompanhamento mais abrangente, não só da criança, mas de todo seu grupo familiar. Para isso, seria necessário o investimento do Estado, que é majoritariamente responsável pelas escolas públicas de ensino infantil e fundamental.

A prefeitura municipal também deve encarregar-se de fornecer formação aos professores que atuam em áreas de risco para tratar do assunto drogas e violência. Sabemos que são ofertados cursos de formação continuada, para os professores da rede municipal, que abordam temas transversais para manter os profissionais atualizados frente às mudanças da sociedade e os avanços da tecnologia. No entanto, o tema “drogas e violência”, segundo as professoras entrevistadas na pesquisa, não é inserido nesses cursos, pois, acredita-se que, por serem crianças, os alunos do ensino fundamental I ainda não tem relação com o problema. Agora sabemos que não é bem assim.

Nesse sentido, outra medida necessária é a inclusão de disciplinas que abordem o mesmo tema no currículo de graduação em pedagogia. Nenhuma das professoras entrevistadas teve contato, em sua formação, com a temática das drogas e da violência presente nas escolas. É comum escutar professores insatisfeitos com a distância entre o que é visto na graduação e o que é vivenciado na prática diária nas escolas. A mesma insatisfação se estende aos futuros pedagogos, graduandos no curso de pedagogia, que reclamam do excesso de teoria presente em algumas disciplinas obrigatórias, que, pouco acrescentam à nossa formação, enquanto que são deixados de lado temas considerados importantes como, além da questão das drogas, o tema gênero e sexualidade, por exemplo.

Consideramos então que, é necessário que os educadores que pretendem ser funcionários públicos estejam preparados para atuar em escolas que se inserem nas periferias e para os desafios de ensinar crianças que vivem sob a influência das diversas formas de violência presentes nesses espaços (FREIRE, 1983). É preciso também que estas escolas recebam um olhar mais atento dos órgãos competentes e sejam devidamente equipadas com os recursos necessários para o combate a este grave problema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam. Escola e Violência. Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm Acesso em 01 janeiro 2016.

CASTRO, Mary. ABRAMOVAY, Miriam. Drogas nas Escolas. Brasília: UNESCO/CONSED/UNDIME, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educação Popular. São Paulo: Editora Braziliense, 1985.

FLICK, Uwe. Introdução a Pesquisa Qualitativa. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GODOY, Arilda S., Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades, In revista de administração de empresas, v.35, n.2, Mar./ Abr. 1995 a, p. 57-63.

LIMA, Felipe. Meu Nome é Favela: Pirambú, 2015. Disponível em: www.tribunadoceara.uol.com.br. Acesso em 01 de janeiro de 2016.

UECE. Mapa da Criminalidade e da Violência em Fortaleza, 2011. Disponível em: www.uece.br/dmdocuments/regional_1. Acesso em 01 janeiro 2016.